

**CEDI****Povos Indígenas no Brasil**Fonte: *Folha da Tarde*

Class.: 26

Data: 03.12.68

Pg.: 13

**Novos detalhes do massacre da expedição de Calleri**

RIO (da Sucursal e ASP) — Chegaram domingo, a Manaus em um Catrina da FAB, os restos mortais dos nove expedicionários, em meio a um clima de grande tensão popular. A descoberta, sábado, dos crânios e ossos de oito membros da expedição, fraturados em diversos locais, entre os quais já se encontrava o do padre João Calleri, segundo exames efetuados posteriormente, chocou a cidade, levando ao aeroporto, desde a manhã de domingo, centenas de pessoas humildes, que invadiam a pista à procura de parentes, quando da chegada de qualquer avião.

Os restos mortais do padre Calleri foram conduzidos para o Território de Roraima, onde foram sepultados, depois de terem sido velados em câmara ardente na Igreja catedral. Nessa ocasião o arcebispo dom João de Sousa Lima, celebrou missa de "requiem", de corpo presente.

A reconstituição do massacre, segundo depoimento dos homens do PARA-SAR, que resgataram os restos dos nove expedicionários, com a ajuda dos sertanistas João Américo Peret e Gilberto Alves Pinto, demonstra que os atropelos agiram com muita cautela, eliminando os homens aos poucos, à medida em que eles foram chegando à maloca Esperança. Os instrumentos utilizados no massacre foram borduna — uma espécie de cassete grosso e pesado — flechas e facão, de acordo com as marcas encontradas nos corpos.

A maioria dos crânios encontrados, tinha afundamento na parte posterior do lado direito revelando que os expedicionários foram abatidos por trás, com golpes na cabeça. Outros tinham, na parte posterior do lado direito revelando que os expedicionários foram abatidos por trás, com golpes na cabeça. Outros tinham, ainda, costelas fraturadas e marcas de pontas de flecha. O corpo de uma das mulheres tinha várias costelas cortadas com sinais que recebera golpes de facão.

Presume-se que depois de deixarem a maloca de Queimada primeiro ponto onde acamparam, os expedicionários fizeram uma caminhada até às proximidades da maloca Esperança, onde travaram os primeiros contatos com os índios que se mostraram amistosos. O padre Calleri, então, conseguiu que eles o ajudassem a transportar o material ao acampamento, negando-lhes uma recompensa imediata pelo trabalho que tiveram, criando, então, condições para os primeiros atos de desentendimento.

**PENSÃO VITALICIA**

As famílias dos integrantes da expedição do padre Calleri terão pensão vitalícia da União. A pensão será para as famílias dos que não eram funcionários públicos ou autárquicos, nem pertenciam aos quadros da Fundação Nacional do Índio. Nesse sentido, o ministro do Interior general Albuquerque Lima, já determinou à Consultoria Jurídica do Ministério do Interior urgência na elaboração da minuta de projeto de lei, para que o presidente da República o encaminhasse ao Congresso Nacional concedendo pensões aos familiares dos expedicionários desaparecidos.

Isto já aconteceu uma vez — tendo a lei específica sido sancionada neste ano — quando numa expedição aérea a Cachimbo, onde atualmente os Vilas Boas estão pacificando os Kran-A-Kore, morreu um índio que não pertencia aos quadros do extinto SPI, mas lhe prestava serviços.

**INTERROGATORIO**

Cartas encontradas em um saco que o mateiro Alvaro Paulo da Silva deixou no barco que o

conduziu depois de fugir do local da chacina, acredita-se, poderão fornecer as pistas sobre o que ocorreu realmente com a expedição. O mateiro, que chegou a Itaguactara, é o único sobrevivente da expedição. Quando chegou àquela cidade, abandonou no barco, um saco, contendo uma espingarda de calibre 20 e vários objetos e roupas da ex-

pedição, além das cartas. O saco foi achado por um repórter do jornal "A Crítica", de Manaus, que o entregou às autoridades que comandam as buscas. Havia, ali, duas calças, duas camisas, meias novas e meia dúzia de cortes de fazenda, entre outros objetos. Quando prestou depoimento aos militares da FAB, no mesmo dia em que

chegou, o mateiro nada falou sobre o saco e seu conteúdo. Inclusive mentiu, afirmando que o cano de sua espingarda partira em dois, quando atirara num animal.

Os militares da FAB vão interrogar novamente a Alvaro, que se encontrava em Moura, onde estava a base avançada para as buscas. Também será in-

terrogado Sebastião Alencar, dono do barco que levou o mateiro a Itaguactara. O barco era ocupado por geólogos, que recolheram Alvaro no rio Atumã, onde ele estava perdido. Sebastião, também, foi quem levou a expedição até às proximidades da Maloca Queimada, onde o padre e seus companheiros acamparam.